CONHECIMENTO MORFOLÓGICO E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: O QUE A CRIANÇA NOS ENSINA?

Aline Lorandi¹
Regina Ritter Lamprecht²

PUCRS

Resumo. A interface entre Aquisição da Linguagem e Morfologia nos oferece subsídios para a investigação dos conhecimentos gramaticais que a criança, desde cedo, adquire. O processo de regularização morfológica, verificado em formas verbais como "trazo", "sabo" ou "fazi", bem como a troca de sufixos flexionais em produções como "mexei", "suji" ou "usia" nos permite refletir sobre a transparência dos recursos morfológicos da língua e sobre a emergência desse conhecimento gramatical, além de possibilitar que pensemos na capacidade da criança de, a partir de tais recursos e de tal conhecimento, lidar com a produtividade de novas formas na língua. O estudo intitulado "Formas Morfológicas Variantes na gramática infantil: um estudo à luz da Teoria da Otimidade" (Lorandi, 2006), orientado pela Professora Dr. Regina Ritter Lamprecht (PUCRS), debruçou-se sobre a regularização morfológica e procurou, a partir da análise morfológica dos dados produzidos pelas crianças, evidências lingüísticas da sensibilidade da criança aos recursos morfológicos da língua e, na Teoria da Otimidade, explicações sobre por que esse fenômeno ocorre na fala infantil. O presente trabalho propõe apresentar os resultados dessa investigação, além de estender a reflexão para a utilidade dessas informações no entendimento da capacidade do ser humano para lidar com os expedientes de que a sua língua dispõe e que estão à sua disposição.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem, Morfologia, Formas Morfológicas Variantes.

INTRODUÇÃO

Estudar fenômenos lingüísticos significa estudar a própria essência da espécie humana. O estudo de aspectos da faculdade de linguagem é sempre um empreendimento válido e necessário, visto que a linguagem é uma capacidade intrínseca e exclusiva à nossa espécie. Além disso, a investigação de fenômenos que reportam à linguagem infantil constitui uma volta à origem da essência humana, sob uma perspectiva sincrônica, já que significa estudar o ser humano em sua relação com o objeto língua, em que se pode averiguar suas descobertas enquanto ser ouvinte/falante e, também, verificar as propriedades da língua no seu estado inicial e suas características de aquisição.

O estudo da aquisição da linguagem implica uma investigação que se apóie em interfaces. A partir de pressupostos teóricos que fundamentam como a criança adquire

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, na área de concentração Aquisição da Linguagem.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

uma língua, o pesquisador opta por um dos aspectos do processo de aquisição ou por um dos módulos da gramática e, apoiado nos dados fornecidos pela fala infantil, desenvolve suas análises. Logo, a aquisição da morfologia, por exemplo, pressupõe uma teoria que explique como a criança adquire uma língua e também conhecimentos sobre o módulo morfológico da língua.

A aquisição da morfologia, talvez por não indicar 'estágios' ou 'fases' tão claramente determináveis como encontramos no estudo da aquisição da fonologia, por exemplo, tem uma quantidade menor de trabalhos publicados. Poucos são os trabalhos que buscam explicar fenômenos do subsistema morfológico da gramática do Português Brasileiro (PB), de forma especial referentes à aquisição. Pesquisadoras como Rosa Attié Figueira (Unicamp), Irani Maldonade (Unicamp), Maria Fausta Pereira de Castro (Unicamp) e Maria de Lourdes Fernandes Cauduro (Uergs) têm concentrado esforços e atenção na explicação de alguns desses fenômenos, a partir de um quadro teórico interacionista, fortemente ligado à Psicologia. Deve-se lembrar também a importante contribuição dos estudos da professora Leonor Scliar-Cabral (Ufsc) sobre a aquisição da morfologia, sob um prisma psicolingüístico. Todavia, a partir do levantamento de pesquisas nessa área, pode-se dizer que fenômenos morfológicos do PB constituem um amplo e rico campo de investigação.

O presente estudo tem por objetivo propor algumas reflexões sobre fenômenos da fala infantil verificados durante o processo de aquisição do subsistema morfológico da língua e explanar algumas considerações realizadas na dissertação de Mestrado intitulada "Formas Morfológicas Variantes na gramática infantil: um estudo à luz da Teoria da Otimidade", (Lorandi, 2006), orientada pela Professora Regina Ritter Lamprecht (PUCRS). São abordados temas como sensibilidade da criança aos recursos morfológicos da língua, processos morfológicos na fala infantil, importância do estudo do *input* lingüístico na determinação de uma base para o paradigma flexional da criança e produtividade de afixos. Essas informações vão ao encontro de um entendimento da capacidade humana para lidar com os expedientes de que a língua dispõe. A atuação docente, amparada nesse tipo de estudo, encontra suporte para mostrar ao aluno que as propriedades da morfologia da língua são por ele conhecidas há bastante tempo; além disso, encontra motivação para desenvolver atividades que propiciem verificar a consciência morfológica do aluno.

1. AQUISIÇÃO DA MORFOLOGIA

O estudo da aquisição da linguagem, sob o ângulo da morfologia, permite ao pesquisador entender habilidades de segmentação e reconhecimento de morfemas por parte da criança, e permite uma reflexão acerca de como a criança lida com os recursos morfológicos que depreende a partir de seu contato com a língua.

Sob uma perspectiva inatista da aquisição da linguagem, entendemos que toda criança tem uma capacidade para desenvolver a linguagem, que permite a ela reconhecer o que é uma língua e, do contínuo de fala, retirar informações pertinentes à fonologia, à morfologia, à sintaxe, à semântica e a outras instâncias da gramática. A tarefa é, portanto, identificar, a partir de pistas fonético-fonológicas do contínuo de fala, onde começam e terminam palavras, frases e enunciados.

Com algum tempo de contato com a língua, em geral após o segundo ano de vida, conforme afirmam Titone (1983), Figueira (1995), e Santos (2001), essa segmentação fica ainda mais fina, mais rebuscada, o que permite à criança fazer segmentações mais detalhadas, como o reconhecimento de morfemas da língua. A partir desse momento, podemos verificar o processo de aquisição da morfologia. Essa segmentação é identificável por meio da análise dos chamados 'erros' morfológicos, que são as formas verbais regularizadas, tais como "trazi" (B. 3:1)³, ou com trocas de sufixos flexionais, como em "mexei", "suji" (A.C. 2:11) ou "usia" (H. 3:4), e as inovações lexicais, em termos de verbos e de nomes, verificadas em formas como "vassourar" (A.C. 3:11) ou "remedieiro" (I. 5:10). Outra evidência para a constatação de que a criança está se voltando mais detalhadamente para o processo de aquisição da morfologia é o uso contrastivo de formas verbais, como explica Santos (2001), averiguada a partir dos dois anos de idade. Nessa fase, a criança deixa de usar a forma verbal em 3ª pessoa do singular, que é a forma default da criança enquanto não adquire o sistema de flexão verbal, para usar formas flexionadas dentro de um mesmo paradigma, como, por exemplo, "penso", "pensa" e "pensar". Gebara (1984) comenta que, a partir de 1:10, as crianças começam a "lidar com fronteiras internas de palavras".

-

³ Entre parênteses constam a letra inicial do nome do informante e a idade em que ele produziu a forma verbal indicada, sob o formato ano:mês/meses. Neste caso, o informante tinha três anos e um mês quando produziu a forma verbal "trazi".

2. AS FORMAS VERBAIS DA CRIANÇA E O CONHECIMENTO MORFOLÓGICO

O estudo da aquisição dos diferentes módulos da gramática pela criança pressupõe lidar com diferentes unidades gramaticais. Ao estudarmos aquisição fonológica, verificamos a aquisição de fonemas; no estudo da aquisição da sintaxe, lidamos com sintagmas e sua organização dentro de uma estrutura maior – a sentença –; e, na análise da aquisição da morfologia, averiguamos como a criança demonstra o uso de morfemas.

A morfologia é o estudo da estrutura e da formação de palavras de uma língua. O morfema, menor unidade portadora de significado, constitui o objeto de estudo da morfologia. Como explica Mattoso Câmara Jr. (1969a, p. 94), a análise lingüística sincrônica nos estudos morfológicos propõe depreender formas mínimas indecomponíveis chamadas de **morfemas.**

A análise mórfica consiste, justamente, na depreensão de morfemas, por meio da qual se procede à descrição rigorosa das formas de uma dada língua (Mattoso Câmara Jr., 1977, p. 62). O princípio básico da análise, como aponta o lingüista (1969b, p. 42), é a **comutação**. Este termo, proposto por Hjelmslev, designa uma operação contrastiva de permuta de elementos, ou seja, pela técnica da comutação obtém-se um novo vocábulo formal, na substituição de uma invariante por outra. Em outras palavras, sabemos que '-o' em 'danço' é um morfema, se a essa forma opomos, por exemplo, 'dançar' ou 'dancei', de que depreendemos outros morfemas, como -a, -r, -e e -i. 'Danç-', por permanecer igual em todas essas formas e por ser indecomponível, é o radical e carrega significado da palavra.

Um vocábulo verbal, de acordo com a fórmula proposta por Mattoso Câmara Jr. (1977), é composto por um tema (T), formado por um radical (R) e a vogal temática (VT), acrescido dos sufixos flexionais (SF), que podem ser de modo e tempo (SMT) e de número e pessoa (SNP).

 Fórmula geral da estrutura do vocábulo verbal regular (Mattoso Câmara Jr., 1977)

$$T(R + VT) + SF(SMT + SNP)$$

Para compreendermos a produção das crianças, o primeiro passo é identificar a estrutura das formas por elas produzidas para, em seguida, tentar identificar um padrão

e, de forma especial, observar se esse padrão é coerente com o sistema da língua. Os dados de nossa pesquisa são provenientes de diferentes fontes. Lorandi (2004) realizou uma coleta de dados com crianças de 2:0 a 5:0 anos de idade, residentes na cidade de Farroupilha/RS, de onde provêm alguns dos dados. Outra parte dos dados pertence ao Banco Inifono (CEAAL/PUCRS), em que são armazenadas coletas de fala de crianças de 1:0 a 2:0, além de conter coletas longitudinais que se estendem dos 1:1 aos 4:1, e obtivemos, ainda, dados de pesquisas também realizadas com crianças nessa faixa etária, como as de Simões (1997) e de Silva (2007). Visto que essas produções são provenientes de uma fala muito espontânea da criança e que dificilmente se consegue eliciar em um momento de coleta, os dados são poucos, mas suficientes para ilustrar o fenômeno de regularização morfológica.

Referente ao verbo 'trazer', por exemplo, encontramos quatro diferentes formas verbais regularizadas: (eu) trazeu (R. 3:11), (eu) trazo (G. 3:4), (eu) trazi (B. 3:1) e (ele) trazeu (H. 2:3). Tomando a forma de infinitivo e a estrutura pretendida pela criança, podemos aplicar a técnica da comutação e, então, identificar os morfemas envolvidos na produção da criança.

(2) (eu) trazeu (R, 3:11)

	T (R + VT)		SF (SMT + SNP)	
	R	VT	SMT	SNP
If: trazer	traz	e	r	Ø
EP: trouxe	troux	e	Ø	Ø
ER: trazeu	traz	e	Ø	u

(3) (eu) trazo (G, 3:4)

	T(R+VT)		SF (SMT + SNP)	
	R	VT	SMT	SNP
If: trazer	traz	e	r	Ø
EP: trago	trag	Ø	Ø	О
ER: trazeu	traz	Ø	Ø	О

(4) (eu) trazi (B, 3:1)

	T (R + VT)		SF (SMT + SNP)	
	R	VT	SMT	SNP
If: trazer	traz	e	r	Ø
EP: trouxe	troux	e	Ø	Ø
ER: trazi	traz	Ø	Ø	i

(5) (ele) trazeu (H, 2:3)

	T(R+VT)		SF (SMT + SNP)	
	R	VT	SMT	SNP
If: trazer	traz	e	r	Ø
EP: trouxe	troux	e	Ø	Ø
ER: trazeu	traz	e	Ø	u

Em todas essas formas, a primeira informação que nos é revelada é que o radical da forma realizada pelas crianças é o mesmo da forma de infinitivo 'traz-', que parece ser mais regular dentro do paradigma. A partir do levantamento das formas mais freqüentes no *input* lingüístico da criança, considerando tempos, modos e pessoas mais utilizados, de acordo com estudos de Simões (1997), Biderman (1998), Andersen (2005), o radical 'traz-' realmente é o mais verificado. Além disso, percebemos um uso coerente dos sufixos flexionais de primeira pessoa do singular do presente do indicativo, no exemplo em (3), da primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo no exemplo em (4) e da terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo no exemplo em (5). O exemplo em (2) revela uma estrutura de forma verbal de terceira pessoa do singular do pretérito perfeito acompanhado do pronome de primeira pessoa. Isso parece ter uma motivação fonética, já que o pronome 'eu' produz um efeito de rima com a vogal temática mais o sufixo número pessoal de terceira pessoa do singular 'beb**eu**'/'traz**eu**'. De qualquer forma, são morfemas conhecidos da criança e que se apresentam de forma adequada à estrutura de um vocábulo verbal.

A partir dessas informações, observamos que a criança demonstra ter conhecimento morfológico, verificável pelo reconhecimento e pela identificação de morfemas, e também pela estrutura apresentada nessas formas verbais regularizadas, que apresentam um radical em comum – que é o mais freqüente no paradigma – e sufixos flexionais que estão em concordância com a pessoa verbal, com exceção do

exemplo em (2), cuja justificativa já foi apresentada. Esses exemplos demonstram a sensibilidade da criança aos recursos morfológicos da língua, a forma com que ela parece "brincar" com esses recursos, mostrando um padrão de regularização coerente com o sistema da língua, e a importância de nos voltarmos para o *input* que a criança recebe do adulto, a fim de identificarmos uma base para o paradigma flexional.

Uma vez que a criança demonstra conhecimento gramatical, seria adequado chamarmos essas produções de 'erros', como muito se verifica, de forma especial, na literatura estrangeira sobre o assunto? Esse questionamento nos levou ao dicionário Aurélio para verificarmos a definição do termo 'erro'.

(6) Definição de 'erro', de acordo com o Dicionário Aurélio Erro. S. m. 1. Ato ou efeito de errar. 2. Juízo falso; desacerto, engano. 3. Incorreção, inexatidão. 4. Desvio do bom caminho; desregramento, falta.

Se entendermos as formas regularizadas produzidas pelas crianças como indícios de uma sensibilidade aos recursos morfológicos da língua e como demonstração de seu conhecimento gramatical, bem como evidências de um percurso de aquisição da morfologia, então não estaremos falando de falsos juízos ou de meros enganos, mas de formas que estão em concorrência com as da gramática adulta e que, inclusive, podem ser encontradas na fala da criança em um mesmo momento, já que não há períodos em que as crianças só produzam formas regularizadas, como aponta Marcus et al. (1992). Assim, nos pareceu mais ajustada à idéia do que realmente significam essas produções na fala da criança a nomenclatura **formas morfológicas variantes**.

(7) Definição de 'variante', do Dicionário Aurélio

Variante. Adj. 2 g. 1. Que varia ou difere. S. f. Diferença, variação. 3. Desvio que, numa estrada, substitui o trecho interrompido ou fornece uma alternativa de outro percurso para o mesmo destino. 4. Cada uma das várias lições ou formas do mesmo texto ou vocábulo; versão. 5. Alternativa que substitui ou modifica um plano ou parte de um plano original.

As noções de 'alternativa de outro percurso para o mesmo destino (a gramática adulta/alvo)' e de 'alternativa que substitui ou modifica um plano ou parte de um plano original' parecem sugerir uma proximidade maior com o que entendemos que as formas

verbais regularizadas nos informam sobre o sistema morfológico que a criança está construindo.

Também podemos chamar de formas morfológicas variantes (FMVs) as formas produzidas com trocas de sufixos flexionais e as inovações lexicais verbais e nominais.

3. FORMAS MORFOLÓGICAS VARIANTES E TEORIA DA OTIMIDADE

Agora que já entendemos como se estruturam essas formas regularizadas, a questão é por que razão a criança produz essas formas. Para responder a essa questão, precisamos de uma teoria que ofereça uma explicação simples e econômica para o fenômeno e que atenda à necessidade de mostrar a essência lingüística dessas produções.

A Teoria da Otimidade (TO) (Prince & Smolesnky, 1993 e McCarthy & Prince, 1993) é uma teoria lingüística de base gerativa que busca explicar, por meio de uma gramática em que conflitam restrições (forças) universais, ranqueadas diferentemente nas línguas do mundo, a forma como são escolhidos os candidatos ótimos da língua (outputs efetivos). Essas restrições, de fidelidade e de marcação, vão exigir que input e output estejam em correspondência (fidelidade) ou exigirão/evitarão determinadas estruturas da língua, de acordo com a sua marcação relativa (marcação). Um mecanismo denominado GENenator gera, a partir de um input, candidatos a output que são avaliador por EVALuator, a partir de CON — o conjunto de restrições universais, ranqueadas de forma a escolher o candidato ótimo ou mais harmônico.

Sob o escopo da Teoria da Otimidade Standard, encontramos modelos teóricos que se apóiam em seus fundamentos para propor formas de lidar com fenômenos lingüísticos. A Teoria da Correspondência (McCarthy & Prince, 1995), por exemplo, é um dos segmentos da Teoria da Otimidade Standard que, basicamente, reformula a relação de fidelidade entre *input* e *output*, propondo que essa relação é de correspondência. Além disso, a relação entre dois *outputs* também é abordada, em que um é a base e o outro é a forma derivada.

Da Teoria da Correspondência, surge a Teoria da Anti-Fidelidade Transderivacional (TAF) (Alderete, 2001) que, por sua vez, propõe que a Gramática Universal contém um conjunto de restrições ranqueáveis que produz alternância em palavras morfologicamente relacionadas chamadas de restrições **anti-fidelidade**, as quais induzem uma alternância pela exigência de violação de uma relação de fidelidade em pares de palavras. A relação, na TAF, se estabelece entre dois *outputs*: a base e a

forma derivada (flexionada). É dedicada a explicar alterações morfofonológicas, e, por isso, foi utilizada para a explicação da regularização morfológica em nossa pesquisa. Algumas adaptações foram feitas, já que essa teoria se dedica à derivação, enquanto o nosso trabalho, à flexão. A TAF oferece uma explicação para a seleção da base, em que candidatos à base concorrem entre si e são avaliados pela gramática da língua. Essa base, de acordo com a nossa proposta, é avaliada pelas restrições em relação com as formas flexionadas.

A análise pela Teoria da Otimidade pode ser visualizada por meio de *tableaux*. Retomando as FMVs referentes ao verbo 'trazer', temos os seguintes *tableaux*.

(8) Tableau 1: FMV 1 – (eu) trazeu

Base	Candidatos	OO _{ROOT} Faith	¬OO _{ROOT} Faith
traz + afixo			*
traz + afixo	trago	*!	

(9) Tableau 2: FMV 2 – trazo

Base	Candidatos	OO _{ROOT} Faith	¬OO _{ROOT} Faith
traz + afixo	▽ trazo		*
traz + afixo	trago	*!	

(10) Tableau 3: FMV 3- trazi

Base	Candidatos	OO_{ROOT} Faith	$\neg OO_{ROOT}$ Faith
traz + afixo	▽ trazi		*
traz + afixo	trouxe	*!	

(11) Tableau 4: FMV 4 – trazeu

Base	Candidatos	OO _{ROOT} Faith	¬OO _{ROOT} Faith
traz + afixo			*
traz + afixo	trouxe	*!	

Nos tableaux 1 a 4, vemos a base, composta do radical mais freqüente no input lingüístico da criança e que é selecionada⁴, em meio a outros radicais do verbo trazer (troux-, trag-), como a mais harmônica, e as formas flexionadas – a da gramática adulta e a produzida pela criança. Em uma gramática de verbos regulares, em que a restrição de fidelidade OO_{ROOT}Faith⁵ está mais altamente ranqueada, por exigir correspondência entre base e forma flexionada, o candidato que representa a forma regularizada é escolhido como vencedor. A anti-fidelidade mostra seu papel em uma gramática de verbos irregulares. A regularidade pode ser, em última instância, 'traduzida' como fidelidade à base. A resposta para por que a criança produz formas regularizadas seria, então, porque ela se guia pela fidelidade à base no momento da produção. Essa forma verbal não é reconhecida como irregular e, portanto, é conjugada pela criança por uma gramática de verbos regulares e não pela gramática de verbos irregulares, como a forma da gramática adulta.

4. O QUE A CRIANÇA NOS ENSINA?

A análise de dados da fala infantil nos permite refletir sobre a capacidade inata do ser humano para lidar com aspectos gramaticais da língua como um todo e, portanto, com os recursos morfológicos disponibilizados em cada língua, evidenciada pelos processos morfológicos ilustrados em suas produções "estranhas" de fala, para as quais sugerimos o nome **formas morfológicas variantes**.

Esse conhecimento morfológico deve ser aproveitado pelo professor, no sentido de mostrar ao aluno que as propriedades da morfologia da língua são por conhecidas há bastante tempo, incentivando-o a refletir sobre tais conhecimentos. Além disso, os processos morfológicos evidenciados durante o processo de aquisição da linguagem podem ser um bom incentivo para o professor inventar jogos e brincadeiras que estimulem a criação ou a "montagem" de palavras, com o intuito de verificar os morfemas nelas envolvidos. Essas atividades poderão avaliar o nível de consciência morfológica do aluno, a partir do momento em que ele é capaz de pensar sobre a morfologia.

_

⁴ Para maiores informações acerca da seleção de base, ver Lorandi (2006), p. 144-154.

⁵ Lê-se Fidelidade entre *outputs* com relação ao radical.

REFERÊNCIAS

ALDERETE, J. D. *Morphologically governed accent in Optimality Theory*. [Disponível em ROA 309, 2001a. http://ruccs.rutgers.edu/roa.html. Acessado em 15 de junho de 2006].

ANDERSEN, E. M. L. Os verbos no léxico inicial: considerações sobre idade de aquisição e freqüência. Porto Alegre: PUCRS, 2005. (Trabalho não publicado).

BIDERMAN, M. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do português. *Alfa*, n. 42, p. 161-181, 1998.

FIGUEIRA, R. A. A palavra divergente. Previsibilidade e imprevisibilidade nas inovações lexicais da fala de duas crianças. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Campinas, (26), Jul./Dez. 1995.

FIGUEIRA, R. A. Os lineamentos das conjugações verbais na fala da criança. Multidirecionalidade do erro e heterogeneidade lingüística. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 33, nº 2, p. 73-80, junho de 1998.

LORANDI, Aline. "Erros" Morfológicos na produção de verbos: evidências da gramática infantil. Trabalho de Conclusão de Curso. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MARCUS, G. F.; PINKER, S.; ULLMAN, M.; HOLLANDER, M.; ROSEN, T. & XU, F. Overregularization in language acquisition. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, Serial n° 228, vol. 57. 1992.

McCARTHY, J; PRINCE, A. *Prosodic Morphology I: Constraint Interaction and Satisfaction*. Ms., University of Massachusetts, Amherst and Rutgers University. [Disponível em ROA 3, 1993. http://ruccs.rutgers.edu/roa.html Acessado em 03 de outubro de 2005].

McCARTHY, J.; PRINCE, A. *Faithfulness and reduplicative identity*. [Disponível em ROA 60, 1995 http://ruccs.rutgers.edu/roa.html Acessado em 24 de fevereiro de 2006].

PRINCE, A; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. Ms. Rutgers University. New Brunswick and University of Colorado, Boulder. [Disponível em ROA n° 2, 1993. http://ruccs.rutgers.edu/roa.html Acessado em 03 de outubro de 2005].

SANTOS, R. S. A aquisição do acento primário no português brasileiro. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2001.

SILVA, C. L. C. *A Enunciação e o modo de instauração da criança na língua*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Ufrgs, 2007.

SIMÕES, L. J. *Sujeito Nulo na Aquisição do Português Brasileiro: um estudo de caso.* Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

TITONE, R. *Psicolingüística aplicada: introdução psicológica à didática das línguas.* São Paulo: Summus Editorial, 1983.